

DANIEL CARA: NOVO ENSINO MÉDIO “JÁ ESTÁ MORTO”

Crítico da condução do MEC sobre reforma do ensino médio considera que gestão Camilo foi derrotada no debate

ÉRICO FIRMO

ericofirmo@opovo.com.br

Professor e pesquisador da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Daniel Cara afirma que o Novo Ensino Médio precisa ser revogado para evitar prejuízo maior que o que os estudantes já têm e afirma que a gestão de Camilo Santana no Ministério da Educação (MEC) recuou porque foi derrotada no debate.

OP - Qual sua avaliação sobre a posição que o MEC tem adotado sobre o ensino médio?

Daniel Cara - Eu coordenei o trabalho da transição sobre esse tema. Existe um erro de comunicação muito grave, que atrapalhou muito a tomada de decisão do Ministério da Educação. Ele interpretou que a transição governamental defendeu a implementação da reforma do ensino médio. O próprio presidente Lula (PT) tem repetido isso. Isso em nenhum momento ocorreu. O que desde o início foi colocado é que, no mínimo, deveria ocorrer uma revisão da reforma do ensino médio. A reforma já está morta, ela já não sobrevive mais. Porque ela gera desigualdade, gera enorme insatisfação dos professores das escolas públicas. A realidade concreta é que essa reforma é impossível de ser implementada. O Brasil não tem estrutura para implementar essa reforma.

OP - O que colocar no lugar?

Cara - A reforma do ensino médio precisa ser revogada. O que é revogar? É corrigir a lei substituindo o modelo que está posto na lei por outro. Eu coloquei uma posição no Twitter, já pautado por uma série de pesquisadores na área, que a gente deve substituir a reforma do ensino médio por uma reorganização das escolas por áreas. Teria área de ciências humanas, ciências da natureza, língua portuguesa e matemática. Essas áreas teriam uma coordenação pedagógica dentro de cada escola. Todas as escolas teriam de ter essas quatro áreas garantidas, como existia no modelo anterior. No fundo, é aproveitar os professores que já estão concursados, as salas de aula que já existem, fazer com que a escola, dentro de um projeto pedagógico, possa fazer no terceiro ano do ensino médio, aprofundamentos conforme a necessidade dos alunos. Esse aprofundamento não demandaria a construção de novas salas de aula. Esse é o ponto principal hoje da reforma. Para ofertar os itinerários formativos, na prática, as escolas públicas brasileiras deveriam construir muitas salas de aula. A gente não pode coibir o direito de escolha dos estudantes. Só que um estudante que quiser escolher ciências da natureza, ele tem de ter esse itinerário ofertado. Hoje não tem. Ele tem de ter o itinerário de ciências humanas ofertado caso ele opte por ciências humanas, hoje também não tem.

OP - Com condições ideais, estrutura para oferecer os itinerários, o modelo seria adequado?

Cara - Essa é uma grande pergunta. Em termos de projeto pedagógico, esse modelo é muito frágil. Não forma os estudantes numa visão integral da sociedade. É um modelo muito orientado a uma concepção neoliberal. A ideia de formar um indivíduo neoliberal, que acredita que é empreendedor de si mesmo e que não está preparado para lidar com uma sociedade injusta e que precisa ser transformada. E tem outro problema concreto. Com essa idade, com 15, 16 anos, você não consegue tomar uma decisão sobre o trajeto que vai ter por toda a sua vida. Segmentar tanto a sociedade por esses trajetos. Tomar uma decisão muito cedo de segmentação da sociedade é muito determinista, é muito cruel. Esse modelo gera frustração para os jovens.

OP - O que o senhor acha que deveria ser feito com o Enem?

Cara - O mesmo Enem que tem sido feito nos últimos anos, que



ARQUIVO PESSOAL

já é um modelo que funciona, que as pessoas pelo menos sabem o que é o Enem. É melhor manter o Enem, porque todo mundo conhece a regra do jogo, do que criar um novo Enem que vai beneficiar só os alunos das escolas privadas. Essa reforma do ensino médio cristaliza desigualdades na educação e amplia desigualdades na educação.

OP - Não precisa uma mudança mais estrutural para atacar a evasão?

Cara - Os estudantes ocuparam as escolas contra a reforma do ensino médio em 2016. Eu vejo como um aspecto muito dolorido de todo esse processo é que o que os estudantes pediam em 2016 era uma escola com melhor infraestrutura, uma escola que tivesse laboratório de ciência, laboratório de informática, quadra poliesportiva coberta, internet banda larga, eles queriam uma estrutura de escola do século XXI. A discussão não estava sobre o currículo e o maior erro dessa reforma de ensino é que ela acha que pelo currículo resolve os problemas estruturais da educação brasileira. Currículo é uma parte da política educacional. Pode até ser o coração da política educacional. Mas a alma, os braços, as pernas, os ossos, a musculatura dependem de outras ações, entre elas a infraestrutura das escolas, formação dos professores, quantidade de professores. A gente não tem quantidade para implementar essa reforma.

OP - E há problemas externos, que acho que são a maior causa de evasão.

Cara - Ah, a questão econômica. A resolução de evasão escolar se dá essencialmente por questões econômicas. Tem um problema de ordem econômica que foi muito bem observado por você, que é superior e mais estrutural que a própria discussão da política educacional, que não pode estar desvinculada da questão econômica.

OP - O senhor comentou que acha que com a interlocução que o MEC tem estabelecido, não vai vir uma mudança positiva?

Cara - Só estabeleceu interlocução porque a gente pressionou, a gente ganhou o debate.

Isso tem de ser dito. E o ministro (Camilo Santana) tem de assumir. Isso não é demérito para o ministro, ter perdido numa posição inicial, pelo contrário. Ouviu a sociedade. Hoje, a reforma do ensino médio é rejeitada por 99,9% da comunidade educacional que está dentro das escolas públicas. Na transição, a gente fez um debate, isso sim tem um erro no relatório da transição, porque quem é contra e quem é a favor da reforma do ensino médio? Vamos colocar os quantitativos. Todos os formadores de professores, todas as universidades que formam professores, sem exceção, públicas, privadas. Todos os sindicatos, todos os movimentos estudantis, todas as entidades da sociedade civil que lutam pelo direito à educação são contra a reforma. Quem é a favor da reforma? Meia dúzia de instituições, fundações empresariais. O Brasil não tem tantos empresários assim, precisa ter tantas fundações empresariais e de suas equipes, as secretarias estaduais de educação que já avançaram na reforma. E por que defendem a reforma? Porque do jeito que está posta a reforma hoje, você pode colocar um professor que é pedagogo, que nem deveria dar aula para o ensino médio, você pode colocar o professor que é pedagogo, olha só que absurdo, dando aula no ensino médio. O pedagogo tem de ser o coordenador pedagógico e o diretor de escola, mas ele não deve ser o professor do ensino médio. Ele não é professor especialista. Você pode pegar um professor de Química para dar aula de como ser milionário. Você pode importar o professor de Física para dar aula de empreendedorismo ou de administração de empresas. A reforma do ensino médio atrai os secretários estaduais de educação porque eles não precisam fazer concurso para especialistas. O fato concreto é que o MEC só cedeu por conta da vitória das evidências óbvias do que está acontecendo na reforma e da vitória do movimento educacional, que mostrou que essa reforma é um fracasso. Agora o que eu imagino é que o MEC, se seguir a tendência, ele vai cometer um erro muito grave de estabelecer uma aliança com quem não faz o dia a dia da escola pública. Ou com o secretário estadual de educação que está angustiado porque tentou implementar a reforma que desorganiza a atribuição de aula e diminui a demanda por concursos públicos. Isso a própria equipe do MEC sabe.